

Por que o local? A cidade como campo da Educação Popular.

TAVARES, Maria Tereza Goudard - UERJ

GT: Educação Popular/ nº 06

Agência Financiadora: Não contou com financiamento

As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada, o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta.

Santos, 1994.

Investigar a cidade na/com a escola pública não caracterizaria *a priori* nenhum projeto de pesquisa original, visto que, nessas escolas, o currículo escolar instituído, de modo geral, define que nas séries iniciais, os/as alunos/as estudem a cidade e o bairro, a escola, a rua etc.

Nas escolas gonçalenses, nas séries iniciais, a cidade é transformada em conteúdo curricular, sendo objeto de estudo, especialmente nos livros didáticos de estudos sociais, como sinalizavam algumas de suas práticas escolares.

Porém, essa não foi a expectativa da pesquisa *Os pequenos e a cidade*. Não queríamos discutir apenas a cidade didatizada, sem aura, definida pelos livros didáticos. O que nos interessava era a cidade vivida, experienciada e percebida pelos/as professores/as e alunos/as.

Partíamos do pressuposto de que era fundamental desenvolver uma *escuta sensível* e uma *compreensão ativa* das percepções e vivências dos sujeitos escolares sobre a cidade, especialmente porque a aprendizagem da vida na cidade, a fruição amorosa e responsável da metrópole contemporânea não é natural, muito menos óbvia. A aprendizagem da vida na cidade exige uma intencionalidade e dispositivos formadores que a instituição escolar congrega quase como inerente à sua constituição histórica, como parte de sua natureza institucional.¹

¹ Nas modernas sociedades ocidentais, é quase um consenso a idéia-força de que *o lugar das crianças é na escola*. Por extensão, a escola se converte no lugar por excelência para tornar as crianças *futuros cidadãos*.

Compreendíamos, também, que os sujeitos escolares, ao praticarem a cidade, buscavam dilatar sua legibilidade para além de sua *objetividade*, de sua materialidade. Concebiam a cidade como um *livro de espaços* (Alvarez, 1994), cuja percepção, leitura e interpretação deveriam fazer parte de projetos educativos compromissados com a edificação e a socialização de uma *política de direitos à cidade* (Lefebvre, 1991).

Ao senso comum amplamente difundido sobre a negatividade da cidade de São Gonçalo, no desenvolvimento do processo da pesquisa, nos foi possível contrapor a dúvida, a ambigüidade, a problematização:

O que significava para os/as escolares morar em São Gonçalo? Qual/quais as imagens da cidade? Seus pontos fortes, frágeis? Qual/quais o(s) significado(s) afetivo(s) para o/a morador/a? Afinal qual/quais representações da cidade apareciam no discurso dos/as escolares?

Nessa perspectiva, conhecer, escutar, dialogar com as vozes que ressoavam na fala, os olhares, as percepções dos/as escolares sobre a cidade gonçalense pode contribuir de forma crítica para que as diferentes forças sociais (institucionais ou não), presentes no município, possam intervir de maneira mais planejada, apresentando alternativas mais democráticas aos interesses da coletividade, principalmente no que diz respeito ao *direito à cidade*, ao direito de conhecê-la, “lê-la”, compreendê-la, usufruindo-a com respeito, cuidado, amorosidade, enfim, produzindo uma outra urbanidade onde a vida na cidade fosse cada vez mais uma responsabilidade coletiva, discutida e aprendida em todas as esferas societárias, especialmente nos sistemas escolares municipais.

O trabalho de nossa pesquisa, ao trazer à tona a complexificação da tríade escola/cidade alfabetização, procurou se inscrever no cerne de um debate que vem atravessando as ciências sociais na contemporaneidade:² a centralidade da dimensão local nas sociedades contemporâneas.

Segundo Santos (1994), em sua *epistemologia existencial*, o local adquire uma centralidade frente à questão do mundial na contemporaneidade.

Quando Santos, em sua análise geográfica, opõe mundo e lugar, por exemplo, aponta que ambos funcionam sob influências recíprocas; isto é, o mundo como latência,

² Uma significativa parte da obra de Milton Santos (1988, 1994, 1997 e 2000) complexifica esse debate. O livro *A questão local* (Bourdin, 2001) exemplifica também, bem como os trabalhos de Ana Fani Carlos no Brasil (1996, 1999 e 2001), especialmente o livro *O lugar no/do mundo*, escrito em 1996.

conjunto de possibilidades, e o lugar como existência, conjunto de oportunidades. *É o lugar que oferece ao movimento do mundo a possibilidade de sua realização mais eficaz. Para se tornar espaço, o mundo depende das virtualidades do lugar* (1994 a:92).

Daí que Santos recupera como tarefa central na sua *epistemologia existencial* (e geografia crítica) o exercício de estudar o que cada local tem de singular, de específico, de diferente.

Para ele, uma das formas de desvendar a complexidade do real é justamente unir o lugar e o mundo em um mesmo movimento visível. Para isso, recorre a pares de categorias opostas e complementares que facilitam a análise mas que também permitem captar a tensão presente nessa realidade unitária.

Horizontalidades e verticalidades, tecnosfera e psicofera, o novo e o velho, o interno e o externo permitem reconstruir uma dinâmica espacial como arena de antagonismos e complementariedades. Globalização e fragmentação, metropolização e desmetropolização, flexibilização e rigidez são processos que coexistem sob uma aparência contraditória, mas que, na verdade, respondem a uma mesma lógica. Razão global e razão local, espaços inteligentes e espaços opacos, solidariedade orgânica e solidariedade organizacional, são, segundo Santos, fenômenos qualificados a partir de uma oposição, que se confundem e, ao mesmo tempo, se distinguem e se distanciam.

Estes são alguns exemplos que atravessam a questão do local e do mundial na contemporaneidade e que a obra de Santos, em sua generosidade, nos oferece caminhos para sua compreensão e análise.

Já para Bourdin (2001:9), tal debate se desdobra em três grandes vertentes:

Quando triunfa uma visão hiperlocalista da sociedade, quando o local é definido como o baluarte da mundialização e quando se faz do local o lugar principal da democracia.

Ainda para Bourdin (2001:20), a questão local ganharia novos contornos (e mais adeptos) especialmente quando o cenário mundial apresenta-se fortemente em crise: onda neoliberal, esgotamento dos grandes sistemas político-econômicos, crise do Estado-previdência, desemprego em massa, frágil governabilidade dos Estados nacionais, nihilismo,

conservadorismo, xenofobismo, protecionismo, enfim, um contexto mundial de insegurança e medo.

Para esse autor, desde 1996, a partir da Conferência de Istambul, as cidades seguem triunfando sobre o Estado-Nação, obrigando as ciências sociais a repensar seus modelos de interpretação das sociedades contemporâneas.

Nesse sentido, a busca de um paradigma do local (Bourdin, 2001:26) tem sido uma interrogação para as ciências sociais, para as políticas públicas, para a ação militante e para a mitologia política, dentre outros campos de conhecimento e investigação teórico-prática.

Porém, a localidade inúmeras vezes não passa de uma circunscrição projetada em contextos autoritários, em razão de critérios que vão desde a história, a critérios puramente teóricos. Em alguns casos, a questão expressa a proximidade, a convivência diária, o viver junto. Em outros casos, exprime a existência de um conjunto de especificidades sociais, culturais bem partilhadas.

Dito de outra forma, cada vez mais o espaço (material e simbólico) da sociedade se constitui numa articulação entre o local e o mundial, visto que, hoje, o processo de reprodução das relações sociais materializa-se fora das fronteiras do lugar específico até há pouco vigentes (Carlos, 1996). Novas atividades criam-se no bojo de profundas transformações do processo produtivo, outros comportamentos, subjetividades se produzem sob tensão de novos valores, principalmente no *território miúdo* da vida cotidiana (Lefebvre, 1995).

No local, diante das novas densidades do *meio técnico-informacional* (Santos, 1997), o processo de globalização se materializa, o que implica dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. Um mundial que existe e se revela no local, redefinindo seu conteúdo, sem todavia anular suas singularidades (Carlos, 1996).

Diante dessas questões, a investigação do/sobre o local possibilitaria a perspectiva de interrogar o viver, o habitar, os modos de uso, os processos de apropriação do espaço, enfim, as táticas cotidianas dos diferentes sujeitos no chão da escola e nos territórios da cidade.

O crescimento é caótico! Quase todos os bairros novos daqui de São Gonçalo são invasões. Foram construídos assim... de repente! No susto! Falta de opção. A urbanização só vem em época de eleição. Aquela enganação... São Gonçalo! Campo de todo crescimento! Crescimento mais... São Gonçalo só tem um cinema. Uma livraria. São Gonçalo se acostumou a não mais participar... preferiu ir pra fora. A estrutura é melhor... Aqui tem coisas não oficiais, tipo algumas festas. Tem festival de rock. Quase ninguém sabe que tem. Dura algum tempo... festival de rock, campeonato de skate que ninguém sabe! São coisas grandes que não têm apoio de nada, são feitos assim... por eles...³

Ainda assim, segundo Bourdin, nenhuma dessas premissas convida a *elaboração de um quadro de questionamento, um paradigma ou simplesmente uma questão de local* (2001:25). Todavia, essas mesmas premissas têm sido recorrentemente utilizadas na afirmação de uma *questão de local* enquanto cenário das grandes preocupações contemporâneas.

É nesse contraditório contexto histórico-político⁴ que a polêmica local x mundial vem se configurando, exigindo que as forças sociais compromissadas com projetos societários mais includentes estabeleçam pautas de discussão, incentivem e aprofundem o debate e publicizem suas posições.

A posição de L.S. Fez, citado em Bourdin (idem, p. 17), é emblemática desse movimento:

O local é a prática que contesta, é o espírito que diz não. É o dispositivo crítico. ... ele trabalha os multipossíveis... mas acrescenta; ele pode causar anarquia e seu oposto, o fascismo. Pode favorecer o nascimento de uma sociedade de 'composição' em que cada unidade autogerada poderia inovar à sua maneira.

No bojo desse debate, apesar da diversidade de concepções, de posições, parece que as partes interessadas concordam com um princípio: é impossível a definição de um objeto local e principalmente dar-lhe um contorno territorial preciso. Nesse sentido, inúmeras são as polarizações e implicações que atravessam e configuram esse debate.

³ Fala escrita da entrevista realizada com Ricardo Goulart, escritor e ilustrador gonçalense, que realizou oficinas de criação artística, com um grupo de 12 alunos/as da escola, no período de maio a junho de 2002 (total de seis oficinas), com vistas à elaboração de uma cartilha sobre a cidade de São Gonçalo.

⁴ Contexto aqui relatado de forma bastante resumida, visto ser a questão do local x mundial um campo fértil de produção teórica das ciências sociais e políticas contemporâneas.

Concordamos com Bourdin, quando ele defende a necessidade de aprofundarmos a questão, complexificando as visões dicotômicas que naturalizam o local em detrimento do mundial, e/ou vice-versa.

Nesse sentido, com base em Morin (1996: 181), podemos dizer que *não só a parte está no todo, mas também que o todo está na parte*. Isso implica que, ao abordarmos a questão do local e do mundial sob a perspectiva de complexidade, estamos abandonando um tipo de explicação linear e reducionista, *por um tipo de explicação em movimento circular, onde vamos das partes para o todo, do todo para as partes, para tentar compreender um fenômeno* (idem:182).

A pesquisa *Os pequenos e a cidade*, ao ter como horizonte o conhecimento que os sujeitos escolares produzem sobre sua cidade — São Gonçalo, reafirma seu interesse e compromisso com o contexto local. Porém, essa busca de conhecimento sobre a localidade se insere num movimento mais amplo, dialético, de compreensão das complexas intersecções entre o nacional e o mundial. Nossa profunda “inquietação” com o contexto local, no caso, a cidade de São Gonçalo, é matizada pelos atravessamentos e articulações existentes entre esses três níveis presentes nas sociedades urbanas contemporâneas.

Temos clareza de que a sociedade urbana atual, que se produz em parte de modo real e concreto, em parte virtual e possível, constitui-se enquanto mundialidade, apresentando tendência à homogeneização ao mesmo tempo que permite a diferenciação. O local permite pensar sua articulação com o espaço urbano que se manifesta como horizonte. É a partir daí que se descerra a perspectiva de análise do local na medida em que o processo de produção do espaço é também um processo de reprodução da vida humana. Assim, o local permitiria entender a produção do espaço atual da cidade de São Gonçalo, uma vez que aponta a perspectiva de se pensar e investigar seu processo de formação social, bem como a questão das identidades da e na cidade.

Segundo Carlos (1996:23), o lugar é a base de reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. Neste caso, “o ser cidadão” produz-se e revela-se no plano de vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos expressam com os espaços se exprimem todos os dias nos modos de uso, nos

espaços banais, no acidental. Enfim, o local é passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo.

A tríade *habitante-identidade-lugar* aponta a necessidade de considerarmos o corpo, pois é através dele que homens e mulheres habitam e se apropriam do espaço através de seus modos de uso, isto é, práticas corporais singulares, modos de estar no mundo.

E como homens, mulheres e crianças estão no mundo? Através de seus corpos e de seus sentidos. Nossa existência tem uma corporeidade manifesta no uso de nosso corpo no espaço praticado, vivido.

Para Carlos (idem:21), é nos lugares praticados, isto é, nos percursos reconhecidos de uma prática vivida e aparentemente sem sentido, que se criam laços profundos de identidade, *habitante-habitante-habitante-lugar*:

(...) minha mãe já mora aqui há trinta e seis anos, praticamente. E eu já moro aqui há vinte e nove anos, desde que eu nasci (...) porque antes isso aqui era muito mato, era muito mato, era mato demais, e a minha infância toda eu brinquei no mato, né? Porque era terrenos e mais terrenos baldios, era charco, né? (...) era como se fosse uma roça, tinha muito gado, criação mesmo! A gente conhecia, a gente comprava leite não só na tendinha, comprava leite na própria casa, quentinho no curral ... então a gente levava o nosso litro e comprava (...). Aí o Catarina foi crescendo, e foi modificando várias coisas (...) mas morar no Catarina é gostoso, principalmente quando você mora desde pequenininha, aí você conhece praticamente todo mundo, aí tem história, história de fulano de tal (...), então são histórias assim que a gente vai guardando, e eu acho interessante você cultivar uma história (...).
(fala de C., professora da escola, em outubro de 2002).

Em nossa pesquisa, defendemos que o conhecimento sobre/do local abre a perspectiva para se pensar com os respectivos sujeitos escolares suas singularidades no viver, no habitar, *nos modos de uso* da cidade, no consumo, nos processos de apropriação e (re)criação do espaço urbano, dentre outras questões.

Com relação aos processos educacionais propriamente ditos, no local atualizam-se perspectivas de pesquisa do pensamento educacional brasileiro. Processos que sinalizam, na contemporaneidade, a possibilidade de afirmação de um pensamento histórico-crítico que possibilita pensar o papel dos processos educacionais locais no bojo dos sistemas educacionais nacionais e internacionais.

A importância e o crescimento dos estudos locais, sobretudo no campo educacional, justificam-se pela crescente municipalização do Estado brasileiro. Tanto no cenário nacional, quanto no internacional, as cidades adquirem, cada dia mais, um forte protagonismo, tanto na vida política como na vida econômica, social, cultural e nos meios de comunicação (Castels e Borja, 1996).

No caso específico da questão educacional, os municípios constituem-se em campos privilegiados para os estudos sobre a efetivação do direito à educação, considerando-se a Constituição de 1988, reformulada pela Emenda Constitucional 14/96, e a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Esse novo contexto jurídico –institucional no plano local produz ressonâncias, singularidades, cenários complexos que, o/a pesquisador/a *interessado/a* deve levar em consideração ao investigar o sistema educacional municipal frente aos impactos da implementação (ou não) desse novo quadro jurídico da educação nacional.

As medidas e os procedimentos político-administrativos adotados por distintos *poderes locais* (Lesbaupin, 2000) expressam arranjos institucionais, que muitas vezes, contraditoriamente, não levam em consideração os interesses, as singularidades e as transformações em curso. As pressões locais derivadas dos interesses em disputa expressam as condições de realização da (re) estruturação do sistema de ensino. Quer dizer que, entre o espírito da lei e sua aplicabilidade cotidiana, as condições locais derivadas dos graus e formas de ação política, os interesses do mercado, das pessoas e de seus grupos interferem na regulação desse sistema de ensino, nos seus modos de funcionamento.

Nesse sentido, os estudos e investigações sobre a reestruturação dos sistemas de ensino locais nos remetem às discussões sobre a reforma do Estado em curso no país, principalmente aos acontecimentos da última década.⁵ Assim, investigar e compreender a complexidade desses processos no plano local deveriam ganhar mais centralidade no

⁵ No campo educacional, a reforma do Estado, entre outros aspectos, traduziu-se no entendimento de que era necessário ajustar a gestão dos sistemas de ensino e das escolas ao modelo gerencial, conforme as diretrizes do governo federal, em consonância com o discurso (exigências) das agências externas de consultoria, financiamento e assistência técnica, como são definidas na *linguagem oficial*, o Banco Mundial, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BIRD). Uma das principais consequências desses *ajustes* foi o crescente processo de municipalização dos sistemas de ensino, sob a égide do princípio da descentralização como instrumento de modernização gerencial da esfera pública (Azevedo, 2002).

campo das pesquisas em educação,⁶ visto as possibilidades de análise e intervenção que propiciam.

Esse movimento, ao definir o local como um dos espaços da totalidade social, tensionado pela confluência dos processos macro e microsociais, parte do pressuposto de que, nesse contexto de globalização, cada vez mais o mundo se constitui em uma articulação entre o local, o nacional e o mundial.

Para Milton Santos (1997), o mundo moderno é marcado por constante processo de transformações sociais, econômicas, políticas e sobretudo espaciais. Esse mundo, em crise, foi nas últimas décadas objeto de suas investigações e justificaria na prática uma mudança completa dos modos de pensar e interpretar a realidade. Para Santos (idem), pensar esse período atual, que ele denominava de período técnico-científico informacional, é algo que a atualidade lhe impõe, pois, para o autor, vivemos em um mundo exigente de um discurso necessário à inteligência das coisas e das ações.

Para a análise do período, Santos destacava duas questões que norteariam seu pensamento. Primeiro, considerar o presente período histórico como algo que pode ser definido como um sistema temporal coerente, cuja explicação exige que sejam levadas em conta as características atuais dos sistemas técnicos e suas relações com a realização histórica, e que, no presente período histórico, o espaço geográfico pode ser considerado como *meio técnico-científico informacional*.

Este período técnico-científico no fim da Segunda Guerra Mundial nos países do Primeiro Mundo, se generalizando para o Terceiro Mundo a partir de 1960. E caracterizar-se-ia pela crescente inter-relação entre a ciência e a técnica, com predomínio da primeira. Neste período, a ciência é cada vez mais comandada pela produção.

Outro aspecto importante a ressaltar, no período, é o surgimento de novas áreas do saber, como as biotecnologias, as químicas, a cibernética e a eletrônica. É o período em que a informação se torna instantânea e ganha nova importância e amplitude, possibilitando o conhecimento do mundo por meio dos satélites e de outros meios.

⁶ A pesquisa *Políticas nacionais de educação e suas repercussões nas políticas e práticas locais*, desenvolvida sob a forma de projeto integrado pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense/UFF, e coordenada por Osmar Fávero, é ilustrativa dessa temática investigativa.

Os espaços regionais (como a cidade de São Gonçalo) apresentam assim cargas diferentes de conteúdo técnico, de conteúdo científico e de conteúdo informacional. Eles se interpenetram nos lugares, mas não se confundem, em que cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente. Haveria lugares que, por receberem uma carga maior de recursos técnico-científico informacionais, estariam mais voltados para o futuro, ao passo que outros lugares ou regiões, com menos recursos técnicos informacionais, estariam mais voltados para o presente (1997: 32).

Nesse movimento, o lugar passa a ter importância fundamental; ele representa o núcleo reflexivo da análise, pois Santos ressalta a originalidade do lugar como produto de um processo particular de acumulação de tempos históricos, com suas especificidades políticas, sociais, estratégicas, uma vez que é a partir do lugar que ajustamos nossa interpretação de mundo, onde convivem o permanente, o passageiro, o imposto de fora, como afirma Santos.

É no lugar onde se estabelecem as relações, onde se reúnem numa mesma lógica homens, empresas, instituições, formas sociais, jurídicas e formas espaciais. Assim, cada lugar contém elementos de uma razão global que busca impor a todos os lugares uma única racionalidade, contendo também uma razão local com características e movimento próprios. Nesse sentido, os lugares responderiam ao movimento do mundo segundo as suas diversas possibilidades associadas à própria racionalidade.

Desta forma, o caminho que nos parece mais apropriado, face à complexidade contemporânea, especialmente no cenário educacional municipal (sobre o qual temos nos debruçado em nossos estudos e investigações no interior do projeto *Vozes da Educação: memória e história das escolas de S. Gonçalo*) tem sido pensar as interfaces onde se conectam o local, o nacional e o mundial, buscando identificar as especificidades, as complementariedades, as rupturas que as políticas educacionais e/ou suas tendências provocam e/ou se revestem no plano local.

Ao acompanhar mais sistematicamente e com maior proximidade a rede municipal de educação gonçalense,⁷ entre os inúmeros problemas presentes (que se repetem também,

⁷ O contato mais íntimo e sistemático com a educação gonçalense, a partir do trabalho indissociado de ensino, pesquisa e extensão, possibilitou-me uma maior compreensão do cenário complexo da educação na cidade,

de forma diferenciada, no cenário nacional e mundial) tais como insuficiência de vagas, distorção série-idade, repetência e evasão nas séries iniciais, baixa produtividade do ensino, déficit de profissionais, especialmente, de professores nas escolas, má distribuição territorial das escolas, péssimas instalações escolares, entre outros, uma questão se tornou renitente em meu contato com os/as professores e estudantes: o aparente estigma (Goffman, 1988) de morar em São Gonçalo. A baixa auto-estima e o (auto) preconceito inerente a esse estigma espacial eram tão intensos e recorrentes nas falas dos/das diferentes sujeitos escolares, que não pude ignorá-los, diluí-los, ou muito menos, não problematizá-los enquanto campo fértil de investigação. A questão da identidade social do/a gonçalense me parecia fundamental a ser investigada, diante dos complexos problemas que essa “identidade deteriorada” do/a gonçalense parecia produzir na sua relação com a cidade.

Nesse sentido, a pesquisa *Os pequenos e a cidade* foi estruturada com um viés específico: identificar as imagens e os discursos sobre a cidade de São Gonçalo junto aos professores e estudantes de três escolas da rede pública municipal. Porém, devido a “circunstâncias conjunturais”, foi desenvolvido em apenas uma escola municipal, a Prefeito Nicanor Ferreira Nunes,⁸ no bairro de Jardim Catarina, um dos maiores bolsões de pobreza do município e espaço de modos de uso dos desenraizados.⁹

Sabia com base em Braudel (1996) da necessidade de investigação histórica, da importância dos fatores que se desenvolvem a longo prazo na compreensão de realidades sociais e políticas atuais. Aliás, esse debate já é bastante conhecido nas ciências sociais,

sobretudo, um maior acesso aos difusos processos de sociabilização no município, onde a histórica baixa auto-estima do/a gonçalense notoriamente configura uma marca registrada. O trabalho mais sistemático com a rede municipal de educação em diferentes fóruns da cidade (Congressos, encontros pedagógicos, formação continuada de professores etc.) propiciou-me, não só entrar em contato com a baixa auto-estima do/a professor/a gonçalense (atributo também detectado em muitos/as estudantes gonçalenses de nossas licenciaturas, especialmente, no curso de Pedagogia), mas o entendimento de que essa baixa auto-estima está profundamente relacionada com uma representação negativa de sua cidade; representação esta associada a um imaginário urbano autodesqualificador e estigmatizante.

⁸ No projeto original tínhamos como intenção desenvolver a pesquisa em três escolas da rede municipal, localizadas na área central da cidade, porém as dificuldades nas negociações que antecederam a *entrada no campo*, bem como os problemas de comunicação no interior das escolas, nos levaram à Nicanor Ferreira Nunes, cuja receptividade e o desejo de trabalho parceiro reiteravam as condições para o desenvolvimento da pesquisa em seu espaço.

⁹ Os *desenraizados*, segundo alguns *intelectuais locais*, eram os moradores mais recentes da cidade, habitantes dos loteamentos e da periferia em oposição aos moradores históricos dos bairros centrais do município.

principalmente entre os que defendem uma explicação histórica e/ou genealógica, e os que sustentam uma explicação contextual, sistêmica ou estrutural.

Assim, na fundamentação de nosso processo de investigação, definimos que: o passado (a formação histórico-social) da cidade pode influenciar de maneira determinante o presente, portanto, era imprescindível uma genealogia da cidade, visando conhecer “mais e melhor” a relação do/a gonçalense com a mesma.

Embora na escala local raramente sejam visíveis as formas e os conteúdos dos grandes processos históricos, é no local que eles ganham sentido, mesmo que ocultados e invisibilizados. Por isso, de acordo com Martins, é no âmbito do local que a história é vivida e é onde pois tem sentido (2000: 132). Para esse autor, *a história local é a história da particularidade, embora ela se determine pelos componentes universais da história* (idem).

Continuando o diálogo com Martins sobre a questão local, entendemos que é preciso levar em conta que a história tem uma dimensão social que emerge no cotidiano das pessoas, nos seus modos de vida, nas suas práticas culturais, nas relações sociais, no modo pelo qual vivem e dão sentido ao local, ao município, ao bairro, à escola, enfim, à cidade e seus territórios praticados.

(...) É gostoso, porque primeiro a gente conhece todo mundo, né? E você já é conhecida, então quando você passa na rua, dia de sábado ou domingo... você tá passando, de repente você escuta assim: Oi professora, oi tia Cláudia... então é gostoso porque os pais deles começam a ter uma convivência maior com você, parece que você é íntimo deles, né? Você encontra com a mãe na rua, aí falam assim: - E aí, meu filho como é que tá?... Então quer dizer, tem um relacionamento. Aí passa por mim: - Ah, seu filho tá crescendo... era pequenino, já tá um moço (...).(fala de C., professora da escola e moradora do Jardim Catarina, há 29 anos, em outubro de 2002).

No caso de nosso trabalho de pesquisa, era necessário investigar e conhecer de que forma esse *local herdado* (Bourdin, 2002:40) agia, influenciava as realidades presentes. Era necessário, também, investigar e conhecer como o *local herdado* era transformado pelas ações humanas no mundo (Arendt, 1995). De que forma(s) se produzia e/ou foi produzida essa identidade a princípio negativa do/a gonçalense?¹⁰ De que maneira a escola poderia influenciar, se implicar na constituição de outra (s) identidade(s) na cidade?

¹⁰ Sobre a pretensa identidade negativa do/a gonçalense, além do estudo exploratório realizado com os/as alunos/as da Faculdade de Formação de Professores em 1998, não conhecia nenhum outro material que

*Como ter orgulho de ser gonçalense se para um grande contingente de pessoas morar na cidade significava não ter condições para morar em outro lugar? Significava viver sem oportunidades e ou viver no esquecimento?*¹¹

As novas formas de relações sociais, as questões advindas da expansão urbanística, os modos de apropriação do local, a crise educacional, o desemprego, a violência urbana etc. se manifestam no banal, no miúdo, no familiar, refletindo e corporificando as grandes transformações que a sociedade brasileira vem sofrendo no limiar do novo século. Assim, o local se apresenta como um desafio à compreensão da sociedade contemporânea, exigindo um esforço analítico muito grande, que não abdique de abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdos, em sua dinâmica histórica.

Nessa perspectiva, dentro da pesquisa *Os pequenos e a cidade*, compreender o local /a cidade vem sendo premente, não apenas pela possibilidade de investigação da memória e da história escolar gonçalense, mas, sobretudo, pelo desafio político-epistemológico que representava escavar, recuperar, escrever e socializar uma história (ainda) invisível, ainda pouco documentada como a história escolar gonçalense.

*(...) procurar informações na prefeitura de São Gonçalo era como procurar uma agulha num palheiro (...). Os dados não eram organizados em relatórios anuais, não havia relatórios específicos das secretarias, qualquer tipo de balanço das ações municipais... dados sistematizados só os organizados pelo IBGE (...).*¹²

Tomar o local como ponto de partida e de chegada no nosso trabalho interessado é vê-lo como um dos lugares principais da democracia que, sem se dicotomizar do nacional e do global, assume uma relação interativa com esses níveis, produzida pela possibilidade de mobilidade, intencionalidade e articulação das ações humanas. Tais ações, nesse sentido, variam desde uma inserção mais fortemente ligada à localidade, até a adoção de programas de ações socioculturais que, passando pelo local, utilizam-se de outros canais para organizar as relações com o mundo.

corroborasse esse histórico embora, uma *escuta sensível* da mídia (principalmente jornalística) e dos estudantes da FFP contribuisse para a confirmação dessa hipótese. Inclusive, o próprio Secretário da Educação Municipal gonçalense, em entrevista em maio de 2000, ao jornal *O São Gonçalo*, enfatizou o projeto da rede denominado *Meu Brasil começa aqui*, onde se pretendia, dentre outras coisas, *estimular nos escolares o orgulho de ser gonçalense*.

¹¹ Respostas dadas por muitas pessoas à pergunta sobre o significado de morar em São Gonçalo no questionário por nós aplicado.

¹² Anotações transcritas de meu caderno de campo em julho de 2002.

No processo da pesquisa fomos também nos questionando sobre a horizontalidade e a verticalidade da educação gonçalense nos processos históricos que têm conformado os projetos políticos da educação nacional, bem como das políticas públicas adotadas, e quais os efeitos destes, nas práticas e representações locais, no cotidiano das escolas do município.

A Secretaria vai mandar a merenda e vai pagar adicional aos professores que trabalharem na colônia de férias da escola (...) eles querem ampliar o nosso projeto pra rede toda a partir do segundo semestre. A colônia de férias da Nicanor virou projeto da prefeitura (...) o Secretário já recebeu “carta branca” do prefeito (...). (fala de C., diretora da escola, em maio de 2002).

Investigar os processos educacionais em São Gonçalo, sem deixar de considerar que a cidade é pertencente à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro, interagindo com ela, sem deixar de revelar as suas singularidades, foi/tem sido um grande desafio.

Porém, o fato de trabalhar também com o componente curricular Educação Popular nas licenciaturas de Faculdade de Formação de Professores tem me permitido investigar e problematizar com maior profundidade os processos sócio-educacionais locais, inclusive pondo em discussão a pretensa identidade negativa e a baixa auto-estima do/da gonçalense.

Com efeito, no 2º semestre de 2000, foi possível desenvolver, junto a um grupo de 40 estudantes de diferentes licenciaturas, um estudo exploratório¹³ sobre o imaginário urbano na cidade de São Gonçalo.

A expectativa de discutir e investigar com jovens futuros/as professores/as de vários campos do conhecimento humano (Geografia, História, Biologia, Letras e Matemática) a centralidade da cidade na vida contemporânea ganhou maior corporeidade à medida que identificávamos (estudantes e professora) que a metrópole contemporânea, por sua perspectiva transversal, nos possibilitava construir, na dinâmica de nossos encontros, um estilo de pensamento mais aberto, menos compartimentado em campos disciplinares específicos, portanto um estilo de pensamento mais complexo.

¹³ O estudo exploratório em questão denominou-se *Vozes de São Gonçalo: um estudo acerca do imaginário urbano sobre/na cidade de São Gonçalo*. No referido estudo, além da reflexão/problematização de uma razoável bibliografia sobre a questão urbana, investigaram-se através de um questionário estruturado (organizado pela professora e alunos/as) as representações de turma (em total de 40 estudantes) sobre a cidade de São Gonçalo, bem como o(s) significado(s) de ser morador(a) desse município.

Aprendíamos no movimento coletivo de nosso estudo exploratório que problematizar a cidade envolvia uma transversalidade de conhecimentos (históricos, geográficos, econômicos, políticos, antropológicos, sociológicos, arquitetônicos, epistemológicos etc.) que nos obrigava a abandonar a crença cartesiana na especialização e na fragmentação de um fenômeno para o seu melhor e maior (re)conhecimento.

Se a cidade educa, como educa, para que educa? Essas e outras questões constituíram, em princípio, o roteiro/dispositivo detonador de nossas discussões, matéria-prima em classe para darmos prosseguimento e sustentação ao nosso projeto de trabalho – estudo exploratório *Vozes de São Gonçalo*.

Essa perspectiva implica não apenas considerar a natureza epistemológica da instituição escolar, mas sobretudo sua natureza e função política. A possibilidade de estudar a cidade com os sujeitos escolares implicou poder compreender os processos (nem sempre visíveis) que se produzem no cotidiano de nossas cidades. Processos esses que como um *currículo urbano*¹⁴ (re)constituem as páginas do *livro de espaço* que é a cidade contemporânea.

Assim, ter uma *escuta sensível* para as diferentes vozes escolares sobre a cidade, mais do que uma estratégia fecunda de (re)conhecimento e aprofundamento da memória e da história das políticas sócio-educativas no município, tornou-se um princípio educativo, um dispositivo político-epistemológico fundamental para a compreensão das relações complexas entre a escola e a cidade, tendo como pano de fundo uma educação na/para a cidade, consubstanciado num projeto societário mais amplo, fundamentado em valores democráticos de cidadania e inclusão social para todos/as os/as gonçalenses (“históricos e desenraizados”).

Em síntese, na pesquisa, tomar o local como ponto de partida e de chegada nos aproximou do pensamento do poeta português Fernando Pessoa, quando afirma que, *para ser universal canta a tua aldeia*.

¹⁴ Em 1990, em Barcelona, realizou-se o 1º Congresso Internacional de Cidades Educadoras, no qual foi aprovada a Carta das Cidades Educadoras, envolvendo concepções e princípios, cujo objetivo maior é a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes, a começar pelas crianças e jovens da/na cidade. *Currículo urbano*, em minha concepção, abarcaria a complexidade dos *fixos*, dos *fluxos* que constituem o ambiente urbano, bem como as relações sociais travadas nesse *ambiente*.

Referências Bibliográficas:

ARENDDT, H. **O que: política?** São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

_____. **A condição humana.** São Paulo: Forense Universitária, 1995.

BOURDIN, A. **A questão local.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

BRAUDEL, F. **História e ciência social.** Lisboa: Presença Editora, 1996.

CARLO, A.F. **Espaço-tempo na metrópole:** a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTELLS, M. e BORJA, J. As cidades como atores políticos. In: **Novos estudos**, CEBRAP, n. 45, São Paulo: 1996.

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LESBAUPIN, I. **Poder local e exclusão social:** a experiência das prefeituras democráticas no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples.** São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record. 2000.

_____. **Técnica espaço tempo.** Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1996.

_____. **A natureza do Espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1994 a.

ZAINKO, M.A.S. (org.) **Cidades educadoras.** Curitiba: UFPR, 1997.